

## A MULHER NA OBRA DE *ALEXANDER MCQUEEN*

Nogueira, Bruna Costa; Doutoranda; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,  
bruna.costa.nogueira@gmail.com<sup>1</sup>

Novelli, Daniela; PhD; Universidade do Estado de Santa Catarina, daniela.novelli@udesc.br<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo visa abordar a relação que se retroalimentava entre o estilista *Alexander McQueen* e as críticas da mídia de moda sobre seu trabalho, configurada como um importante estímulo para o florescimento da estética usada pelo autor na representação da figura feminina em sua obra. Trata-se de uma pesquisa básica, qualitativa e descritiva, com uso de pesquisa bibliográfica e documental para coleta de dados em livros, notícias de jornal, colunas de revistas e ainda biografias do artista. *McQueen* apresentou mulheres que contavam histórias muito distantes da perfeição, graça, sutileza e sensualidade esperados, pois podiam ser compreendidas como grotescas, assustadoras, agressivas, fortes; no entanto, foram majoritariamente lidas pela mídia especializada como violentadas, humilhadas e subjugadas, o que rendeu ao estilista a fama de ser o ‘designer que odeia mulheres’ – alcunha atribuída a ele pela jornalista de moda Brenda Polan, por volta de 1996 (WILSON, 2015). *McQueen* buscava libertar e conceder poder a elas, convivendo com mulheres andróginas, lésbicas, gordas, baixas ou altas demais e que se mantinham confiantes e seguras do que eram (WATT, 2012). O entusiasmo do criador pela fauna, degradação do homem, *habitats* e ferocidade contida no ciclo de vida e morte apareceu em muitas coleções: *VOSS* (Primavera/Verão 2001), cujo nome remete à cidade norueguesa famosa por ser um *habitat* de vida selvagem; *Natural Dis-Inction, Um-Natural Selection* (Primavera/Verão 2009), quando mudanças climáticas foram o tema principal; *The Horn of Plenty* (Outono/Inverno 2009-2010) sobre a obsolescência programada dentro e fora do sistema da moda e *Plato’s Atlantis* (Primavera/Verão 2010), sobre um futuro no qual os seres humanos, por meio da melhoria tecnológica, fazem o caminho inverso da evolução Darwiniana e voltam a viver no ambiente subaquático (WATT, 2012). É possível associar suas figuras femininas a mulheres dotadas de “Aposematismo”: que avisa a seus possíveis predadores,

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos de Linguagens (UFMS); Mestra em Estudos de Linguagens (UFMS).

<sup>2</sup> Professora adjunta Bacharelado em Moda (UDESC) e Mestrado Profissional em Design de Vestuário e Moda (UDESC). Doutora em Ciências Humanas (UFSC) estágio doutoral *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS/CAPES/COFECUB 8854/12-2). Pós-doutora *Université Paris-Sorbonne IV*, CAPES BEX 6682/14-6 (Brasil).

por meios visuais e comportamentais, que não é um ser palatável, não é uma presa e não é adequada para ser comida. Usa cores vibrantes, recortes, silhuetas e formas hipnotizantes, impactantes, encantadoras, suscitando curiosidade e desejo, com beleza ímpar; mas alerta sobre sua faceta tóxica, agressiva, selvagem, sem possibilidade de ser predada ou colocada em risco. Ou seja, é a epítome do próprio artista – intragável e potencialmente letal ao sistema. Após a morte de *McQueen*, Sarah Burton ainda apresenta rompantes de força, mas suas mulheres já conseguiram ser domadas pelo sistema.

**Palavras-chave:** *Alexander McQueen*; mídia; representação feminina.

